



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

SILVÂNIA ENEDINO DA SILVA

**QUE LÍNGUA VOCÊ FALA?
UMA ABORDAGEM DAS GÍRIAS NA SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA**

**Guarabira – PB
2016**

SILVÂNIA ENEDINO DA SILVA

**QUE LÍNGUA VOCÊ FALA?
UMA ABORDAGEM DAS GÍRIAS NA SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras, na Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como requisito para obtenção do título de graduado em Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Português/Inglês, sob orientação da Prof^a Dr^a Marta Furtado da Costa.

**Guarabira – PB
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S586q Silva, Silvânia Enedino da

Que língua você fala? Uma abordagem das gírias na sala de aula de língua inglesa / Silvânia Enedino da Silva. – Guarabira: UEPB, 2016.
15 p.

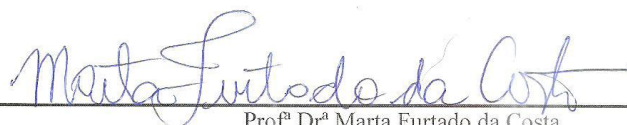
Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Profª Drª Marta Furtado da Costa.”

SILVÂNIA ENEDINO DA SILVA

QUE LÍNGUA VOCÊ FALA?
UMA ABORDAGEM DAS GÍRIAS NA SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA

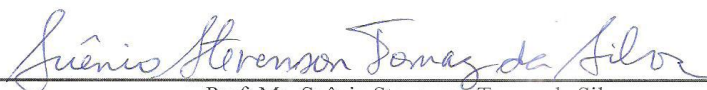
BANCA EXAMINADORA:



Prof.ª Dr.ª Marta Furtado da Costa
(Orientadora)



Prof.ª Dr.ª Ivonildes da Silva Fonseca
(Examinadora)



Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva
(Examinador)

Aprovado em 21 de outubro de 2016

Guarabira – PB
2016

QUE LÍNGUA VOCÊ FALA? UMA ABORDAGEM DAS GÍRIAS NA SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA

Silvânia Enedino da Silva

RESUMO

O presente trabalho se fundamenta em experiências iniciais da docência adquiridas ao longo de nossa atuação no PIBID, no âmbito da aprendizagem de língua inglesa. Nossa pesquisa tem o objetivo de analisar o trabalho desenvolvido com a utilização de gírias (slangs) como suporte para favorecer o conhecimento de aspectos importantes de uma língua, como tradução, composição cultural e literária, dentre outros. Como aporte teórico, destacaremos os estudos de SENEFFONTE (2012), que trata da possibilidade de inserir as gírias no ensino de língua inglesa, apontando para a necessidade de considerar as variações que ocorrem em qualquer língua durante a comunicação. A proposta cultural será norteadada pelas constatações de GUERREIRO (2005), BROW (1987), além de citações de Lima, entre outros especialistas da área. Propomos ainda enfatizar os procedimentos e resultados obtidos com aplicação de SD (Sequência Didática) em sala de aula de língua inglesa, com estudantes do Ensino Médio e, neste ponto, colocaremos as percepções e afirmações de DOLZ e SCHNEWLY (2004), quando ressaltam a importância dessa estratégia de ensino para a compreensão de gêneros comunicativos presentes na vida das pessoas, promovendo uma maior interação para, então, aprimorar as habilidades linguísticas (*listening, speaking, reading, writing*).

Palavras-chave: Ensino de língua inglesa, Gírias, Cultura, Sequência Didática.

INTRODUÇÃO

A aprendizagem de língua inglesa (LI) incorpora um conjunto de aspectos sociolinguísticos e culturais que precisam ser construídos e compreendidos de modo a privilegiar todas as formas de conhecimentos que provêm do trabalho com as várias habilidades comunicativas (*listening, speaking, reading, writing*), incluindo os saberes que cada indivíduo adquiriu em sua existência, que merecem ser considerados no processo didático. O propósito deste artigo é descrever algumas experiências que tivemos na formação acadêmica e na prática de pesquisa, através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na área de LI, discutindo e apresentando pontos que consideramos fundamentais para o processo de ensino de LI, e que, por isso, precisam ser registrados e debatidos para contribuir com a qualidade do ensino e a formação de novos cidadãos e profissionais.

Vivemos numa era na qual a comunicação está cada vez mais ligada às tendências virtuais através das quais a maioria dos jovens e adolescentes, de modo especial, escolhem seus próprios dialetos para interagir com as pessoas do seu círculo de amizade. Assim, entendemos que a língua se reconstitui e se revela com o passar do tempo, fazendo-se necessário uma espécie de adaptação às novas demandas comunicativas. A prioridade, nesse sentido, é mostrar aos alunos de LI que durante o estudo da língua, estes irão se deparar com situações em que é preciso identificar as características peculiares de cada idioma, como no caso das gírias, variantes linguísticas. Isso é muito comum, sobretudo na linguagem das grandes cidades, quando há pessoas de vários lugares e sotaques, de diferentes religiões, correntes ideológicas, idades, gêneros e profissões.

Muitos dos gêneros discursivos oriundos de um contexto urbano, obras escritas ou nas interpretações dos papéis da sociedade atual evidenciam o uso de termos que emergem da profusão das relações sociais. São termos cunhados na necessidade de expressar e ideias e sentimentos nunca antes traduzidos para a situação desejada. Assim, surgem as gírias muitas vezes através de termos reduzidos ou simplesmente formados em conversas banais do dia a dia. Nas redes sociais, nos sites de bate papo, nas *homepages*, os vocábulos são ecléticos e/ou inusitados.

Este trabalho apresenta a experiência da aplicação de uma sequência didática, envolvendo a abordagem das gírias na sala de aula de língua inglesa. A pergunta que norteou

a nossa pesquisa foi a seguinte: é possível enxergar as gírias como um recurso que promove o acesso aos valores culturais da língua-alvo? A pesquisa foi desenvolvida durante a vigência da Cota 2014/2016 do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na Escola Estadual José Soares de Carvalho, localizada na cidade Guarabira-PB, turma do 3º ano do ensino médio, turno manhã. O principal objetivo desta pesquisa é chamar a atenção para a abordagem dos valores socioculturais na sala de aula de LI, uma vez que não se pode pensar o ensino de uma língua estrangeira desconectado da realidade cultural, política e histórica do seu povo.

Inicialmente, discutiremos a respeito da importância da cultura na sala de aula de língua inglesa, conforme Brown (1987). Em seguida, abordaremos as gírias em sua perspectiva sociolinguística, considerando os fatores que evidenciam a influência dessa variante na comunicação social. Por fim, trataremos das sequências didáticas (SD), tendo em vista a proposta de Schneuwly & Dolz (2004).

No desenvolvimento deste artigo, primeiramente, discutiremos a importância do trabalho envolvendo a cultura dos países de língua inglesa como meio de aproximar os alunos de aspectos relevantes no processo de aprendizagem de línguas. Como exemplo, temos elementos como as gírias e as expressões idiomáticas que devem ser associados ao ensino de gramática. Em seguida, faremos uma análise do trabalho com as habilidades linguísticas através do uso de SD. Por fim, colocamos em evidência a importância das ações desenvolvidas pelos pesquisadores do PIBID que têm contribuído para promover uma aprendizagem mais significativa e participativa.

ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: UMA QUESTÃO CULTURAL

Não é tarefa fácil definir cultura. A ideia de pluralidade que o termo abarca faz com que vários conceitos lhe sejam atribuídos sem chegar a uma conclusão uniforme. Diante das várias definições que encontramos, destacamos algumas que melhor se enquadram em nossa pesquisa. Destacamos a comparação feita por Brown (1987) ao revelar que a cultura promove a união de pessoas formando uma identidade coletiva, o autor ressalta que:

a importância da cultura na vida dos seres humanos, afirmando que a “cultura é um modo de vida”, ela é “o contexto no qual nós existimos, pensamos, sentimos e nos relacionamos com os outros”. Para o autor, cultura é uma espécie de “‘cola’ que mantém um grupo de pessoas juntas”. Brown (1987, p. 122.)

Os estudos linguísticos também afirmam que os elementos culturais fazem parte da composição de cada idioma, de modo que não é possível dissociar estes seguimentos para que ambos não sofram perdas significativas. O ensino de línguas, muitas vezes, baseia-se em estruturas gramaticais que são apresentadas de forma descontextualizada, tirando do aprendiz a possibilidade de se conectar às várias formas de exercício das habilidades comunicativas e distanciando-o das características intrínsecas ao seu objeto de estudo: a língua-alvo.

Neste trabalho, nós consideramos a cultura como uma característica da própria da linguagem, endossados por Brown (1987, p.123) quando afirma não conceber o ensino de língua estrangeira afastado do ensino de sua cultura. Para ele, “uma língua é parte de uma cultura e uma cultura é parte de uma língua; as duas estão tão intrinsecamente ligadas que não se podem separar as duas sem perder o significado tanto de uma quanto da outra”.

Em outra análise, encontramos a definição sugerida por Adaskou, Britten & Fahsi (1990) levando em consideração quatro aspectos distintos: o *estético*, ao qual são elencados o cinema, a literatura, a música e a mídia; o *sociológico*, que engloba a natureza organizacional familiar, as relações interpessoais, costumes, condições materiais, etc.; *semântico* que abarca e condiciona as condições perceptivas e de pensamentos e, por último, o *pragmático ou sociolinguístico*, que lida com o conhecimento e experiências práticas e também com o código linguístico necessário para a eficiência comunicativa.

Nossa questão principal diz respeito à interação entre língua e cultura, considerando padrões comportamentais e interacionais por meio dos quais se desenvolve a comunicação. Sob os vários pontos de vista que encontramos até o presente momento, compreendemos que, em maior contingente, o ensino de língua configura-se especialmente como um sistema codificado com propósito técnico, sem uma preocupação em transmitir a cultura do país falante daquela língua. Por esse contexto, e tendo em vista que vários países têm a língua inglesa como língua materna, surgem indagações tais como: que cultura ensinar? Quais países são destacados em seus aspectos culturais pelos professores de língua inglesa? Cabe aqui uma reflexão sobre a necessidade de não se restringir a cultura de língua inglesa aos países hegemônicos, referências no uso do idioma, os Estados Unidos e Inglaterra. Outros exemplos, como Canadá, Austrália, apresentam suas próprias riquezas históricas e culturais que poderiam ser enfatizados na sala de aula.

Alguns autores avaliam como negativo quando os elementos culturais são trabalhados de forma descontextualizada sem uma prática reflexiva capaz de aproximar o que se ensina do contexto e do cotidiano da escola. Organizar um trabalho voltado para essa área requer esforço, pois, se avaliarmos o quadro em que se encontram os profissionais da rede pública,

perceberemos as dificuldades encontradas para desenvolver essas atividades. A falta de tempo e de recursos pedagógicos, o conteúdo curricular a ser cumprido, o compromisso com outras instituições ou até mesmo a insegurança são algumas barreiras que, na maioria das vezes, impossibilita a preparação e organização de trabalhos de cunho cultural.

Ao debater sobre diferenças culturais, as manifestações e reações serão diversas, uma vez que envolvem crenças, emoções, valores, opiniões divergentes. Isso exige do mediador uma intervenção firme e equilibrada, o que requer conhecimento e preparo para que os objetivos iniciais possam ser alcançados sem comprometer as relações dos grupos em questão. Dessa forma, o docente de LI continua apenas preso aos conteúdos gramaticais ou passando a descrição de fatos que não traz significado consistente para a vida e a aprendizagem dos alunos.

No entanto, devemos evitar o comodismo e procurar enfrentar os desafios. Em vez de ficar repetindo as mesmas coisas sempre, o ideal é desenvolver algumas atividades que estimulem os alunos a aprimorar suas habilidades e refletir sobre sua vida, seus hábitos, opiniões, assim como as de outros grupos da sociedade. Promover a conscientização, aceitar as diferenças de pensamento, atitudes e ideologias alheias é um passo importante na formação de seres reflexivos, respeitosos e autônomos.

GÍRIAS COMO INSTRUMENTO DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

No campo de análise linguística, encontram-se discussões sobre os estudos voltados para o fator da boa comunicação ligado à norma padrão da língua e suas variantes. Considerando as variantes linguísticas, percebemos que o registro coloquial é aquele mais comumente acessado pelos alunos, através de filmes, músicas e as mais diversas mídias. Não é incomum ouvir perguntas, durante a aula de língua inglesa, sobre curiosidade envolvendo gírias.

Assim, propusemos um estudo voltado para a utilização de gírias no ensino de língua inglesa. A partir da abordagem das gírias, é possível promover um ensino mais próximo aos valores culturais da língua-alvo. A visão geral que se tem, inclusive por parte dos professores, é que as gírias estão ligadas a grupos que buscam sua identidade, grupos estes que estão em camadas estigmatizadas da sociedade. Esta constatação é confirmada através do fato de que a variedade de prestígio (padrão) tem sido historicamente associada à nobreza, às classes sociais altas e esse grupo social vem impondo sua cultura aos demais grupos (alheios à variedade padrão), estes são categorizados segundo diversos fatores, como baixa escolaridade, drogas, violência, classe social

baixa, orientação sexual, religião contrária ao Cristianismo entre outros. Esses grupos marginalizados são considerados como subcultura. (PRETI, 2000, 2005; CAMACHO, 2001 destacado por SENEFONTE, 2012, p.499)

As variações dialéticas estão presentes em todos os espaços sociais, interferindo na formação e assimilação dos enunciados discursivos. Tanto a língua materna, quanto a língua estrangeira que é ensinada nas escolas, diferem da forma que é falada nas ruas. Além disso, nem todos os cidadãos têm ou tiveram acesso a esse ensinamento. Sendo assim, a comunicação pode ser considerada também, no seu aspecto sociológico, indo ao encontro das várias classes sem, com isso, comprometer o lugar da norma culta da língua.

No ensino público (setor onde desenvolvemos a pesquisa), acompanhamos pequenos avanços sobre mudanças de comportamento dos professores e utilização de materiais de apoio após a atuação do PIBID, apesar de que, em um contexto geral, o ensino de LI ainda é fragmentado desde a aceitação da necessidade que todos têm de manter relações com o mundo pela comunicação até a assistência que colocaria a disciplina no lugar de destaque, possibilitando ao aluno um contato significativo com a nova língua. Por mais que pareça exaustivo tornar um aluno capaz de sentir-se motivado a buscar novos meios de desenvolver suas habilidades em outra língua porque é um estudante de escola pública, podemos tomar como exemplo a nossa própria experiência sobre a qual destacamos um cenário ainda menos favorecido sem os recursos básicos e com uma ausência de qualquer apoio extracurricular.

Entre os pontos principais a serem destacados está o trabalho com SD. Nessa perspectiva, buscamos apoio nos estudos de Dolz e Schneuwly (2004), que tratam da questão de sequências didáticas SD para o trabalho com gêneros textuais.

O TRABALHO COM SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

Quando propusemo-nos a desenvolver um trabalho voltado para as exigências e necessidades do público do nosso cenário de atuação, temos que tomar como princípio o espírito colaborador. Aquele que dedica todos os esforços para inovar, aprimorar, buscar novas ideias, a fim de que tanto o mediador quanto os outros membros se destaquem cada qual em sua função, mas com um objetivo em comum: a eficiência daquilo que se faz. Na escola, não é diferente, a motivação que impulsiona mestres e seguidores pouco provavelmente virá dos órgãos governamentais, tendo em vista que, muitas vezes, setores tão importantes, como o da educação, não recebe a devida assistência. A melhor alternativa é valer-se da pesquisa e da busca por estratégias que torne cada aula mais atrativa e produtiva.

Seria esta uma das discussões sobre o uso de gêneros textuais nas aulas de LI desde o ensino infantil, principalmente para desenvolver o gosto e as habilidades de leituras e escrita. Mas, de que forma é possível conscientizar os educandos que, neste estudo, eles poderão compreender e analisar situações diárias em que o uso da língua tenha significado e promova a boa comunicação?

O uso de SD consiste na sequência de atividades escritas desenvolvidas com fins específicos pré-estabelecidos. O trabalho com determinados gêneros discursivos orais ou escritos permite que o professor caminhe lado a lado com o desempenho do aluno, observando suas dificuldades e trabalhando, em cada etapa, uma nova habilidade para que o aluno perceba que é possível enxergar, diante das dificuldades de se aprender uma nova língua, uma oportunidade de aprimorar a própria comunicação, pois, no desenrolar do estudo de um gênero textual, encontramos muito mais que características estruturais ou interpretação superficial, mas temos a possibilidade de encontrar uma vastidão de significados que ampliam os conhecimentos e a capacidade de se expressar com altivez. Observamos a expressão desse propósito nas afirmações de Dolz e Schnewly:

Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de maneira mais adequada numa dada situação de comunicação (DOLZ e SCHNEWLY, 2004, p.97).

Os próprios PCNs de Língua Portuguesa, apresentam, em sua proposta, o interesse pelo trabalho com os gêneros discursivos, priorizando as esferas comunicativas, a leitura do texto e do contexto em que as situações são apresentadas. No documento, fica evidente a preocupação com as habilidades de leitura de forma mais ampla, quando este visa:

- expandir o uso da linguagem em instâncias privadas e utilizá-la com eficácia em instâncias públicas, sabendo assumir a palavra e produzir textos — tanto orais como escritos — coerentes, coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem e aos assuntos tratados; - compreender os textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz [...] (PCNs-LP,1997, p.33)

Partindo dessa perspectiva, procuramos meios e suportes para desenvolver uma série de atividades sistematizadas com estudo e aprimoramento de habilidades linguísticas. Destacaremos, em nosso trabalho, através da apresentação de um pequeno trecho de uma série de TV (gênero textual muito apreciado pela juventude), buscamos orientar os alunos sobre as

possíveis formas de tradução; os elementos linguísticos e culturais que caracterizam o texto original e a sua produção equivalente, quando se trata de exemplares da nossa literatura. Em nossa proposta, mostramos a importância e a maneira mais indicada de uso do dicionário durante as aulas. No entanto, percebemos que, raramente, o aluno pesquisa a não ser em atividades em que é preciso traduzir.

Seja na produção escrita ou na articulação de diálogos, o aprendiz precisa se aprimorar, enriquecer seu vocabulário e adequá-lo à forma sintática cabível. Também salientamos que é preciso considerar não apenas signos verbais, mas tudo que acompanha o texto ou o discurso em análise. Aspectos visuais emitidos por imagens, cenários, expressão corporal devem ser considerados. Como, por exemplo, contar uma história em inglês para crianças utilizando apenas desenhos em um painel ou estampa com ausência de texto escrito, permitindo associação entre a imaginação e o som. Dessa forma, a tradução ganha uma nova roupagem, um tom de interatividade que amplia o conhecimento do aluno que encara como conquista a sua compreensão da obra. Tal experiência também valeria para outros níveis de aprendizagem, adaptando o conteúdo e a forma.

Com a finalidade de manifestar essas razões e contribuir com a emancipação dos nossos alunos no ensino de LI, realizamos uma sequência de atividades envolvendo tradução e o uso de gírias como forma de chamar atenção para as construções sintáticas que causam dúvida quando é feita uma comparação entre a obra original e a sua tradução. No fim da nossa apresentação de conteúdo, os alunos passaram a produzir e refletir o que conseguiram adquirir no decorrer da aula.

Para o desenvolvimento da atividade, nós utilizamos, como campo de pesquisa, uma turma de Ensino Médio de um colégio Estadual da Cidade de Guarabira. Durante as aulas, nós propusemos uma primeira aula dinâmica em que passamos um vídeo com a introdução do 9º episódio da 2ª temporada da série *The Big Bang Theory* sem legenda e em inglês que continha algumas gírias e expressões da juventude urbana do contexto do episódio. A maioria dos alunos conseguiu compreender o tom de humor pela ação dos personagens e os aspectos visuais e por saber que se tratava do gênero comédia. Porém, percebemos que a maioria não conseguia entender a abordagem do diálogo. Em seguida, passamos uma versão do mesmo trecho com áudio em português. Neste momento, a turma pode interagir melhor. Expressaram suas opiniões e riram bastante. Para reforçar, os alunos tiveram oportunidade de ver novamente o mesmo trecho com áudio em inglês, porém, com o recurso da legenda em inglês. Pedimos então, que eles escrevessem as palavras que lhes eram estranhas, de modo a compará-las com a sua tradução e a tradução feita no episódio em português.



Figura 1 – The Big Bang Theory

Partindo deste ponto, começou outra etapa do nosso trabalho. Pedimos aos aprendizes que fizessem nota das interpretações/traduições entre as duas versões do texto e indagamos ao mesmo: Essa tradução está certa? Condiz com o que foi dito em inglês? Naturalmente, precisamos entender que cada texto traz, em seu conteúdo, uma série de veredas que outros, por sua vez, optarão por modificá-las, aplainá-las ou simplesmente seguir em frente, não importa se tratar de um romance adaptado para outro idioma ou para o cinema, a tradução de uma música dentre outras produções, sempre haverá uma abertura que deve, no entanto, ser lapidada com esmero e controle das novas ideias. Os alunos anotaram as frases e suas traduções equivalentes. Exemplo disto foi a expressão “Peace out” marcada no episódio como “demorou”, e não encontramos tradução literal no português, onde na verdade, quando se usa o dicionário encontramos algo como: gesto feito para se despedir de alguém com a mão indo de encontro ao peito logo após fazendo o gesto de “paz-e-amor” em direção a outra pessoa.

O trabalho estava voltado para a prática dos conceitos de tradução utilizando as gírias contidas no conteúdo que utilizamos na aula, mas nunca se fugiu do conteúdo utilizado pela professora supervisora, neste caso, o *Past Perfect*, além da aula sobre tradução, todas as expressões que utilizamos para a passagem do conhecimento, foi utilizada a estrutura gramatical da frase de acordo com o conteúdo ministrado, porém, com o acréscimo de nosso conteúdo preparado antecipadamente e minuciosamente escolhido, para não divergir das expressões especificadas no plano de ensino.

O aprendiz de LI, algumas vezes, é surpreendido por expressões que causam estranhamento, quando envolve falantes nativos. A distância entre o que é possível traduzir para a língua materna e o contexto em que a frase foi empregada. Isso geralmente acontece em legendas de filmes, propagandas e séries de TV.

Escolhemos, então, um dos aspectos da tradução que seria o uso das gírias (*slangs*). Que implicações esta variação linguística traz, no sentido de melhorar a percepção dos alunos sobre o conceito de tradução? Além do mais, explicamos como se dá o processo de tradução interlingual, que envolve diversos componentes linguísticos, culturais e didáticos sobre os quais é preciso ampliar a visão para entender as semelhanças e disparidades que cada idioma apresenta, além do conceito de equivalência e da tradução ser o mais fiel possível ao texto original.

Na segunda aula, formamos grupos e pedimos que os alunos pesquisassem algumas gírias e ditados populares em língua inglesa. Entregamos os materiais e acompanhamos o desenvolvimento do trabalho. Todos os grupos demonstraram interesse e cooperação durante a confecção dos cartazes. Para finalizar, foram feitas as leituras das frases. Além disso, ao traduzir, era preciso explicar em qual contexto aquela palavra ou frase teria um determinado significado como uma pequena apresentação.

Ao término das apresentações de cada grupo, colhemos os resultados da troca de conteúdo com os alunos, assim pudemos trocar com eles conhecimento a respeito dos seus conceitos e a tradução equivalente. Como era de se esperar, alguns alunos fizeram apenas o esforço de traduzir literalmente alguns ditados populares que conheciam. Tradução essa feita através de uma ferramenta de tradução da internet. Mas, em sua grande maioria, pesquisaram e falaram sobre como se chegou à devida tradução. Surgiram frases tal como: I don't buy that = Eu não engulo essa. Like father, like son = Tal pai, tal filho.

Os alunos nos explicaram que se a frase fosse traduzida palavra por palavra, como consta nos dicionários, o verdadeiro sentido da frase não seria fiel ao que se queria dizer e que há um processo por trás da prática de tradução em que se devem levar em conta os aspectos linguísticos, o contexto sociocultural, além dos fatores históricos envolvidos no enunciado.

A CULTURA E O APRENDIZADO DE UMA NOVA LÍNGUA

A cultura de um povo forma-se a partir de seus costumes, tradições, dos valores que são cultivados em uma região e identifica-os em qualquer parte do mundo. A linguagem, por sua vez, faz parte da cultura de uma nação. E, dessa forma, entendemos que existe uma influência muito forte de hábitos e características específicas a serem transmitidas no momento de aquisição de uma segunda língua. A aprendizagem para os educandos do ensino básico tem um papel fundamental, pois não se pode inibir a presença e influência da cultura

dos países de LI na vida de pessoas de várias nacionalidades, quando estas estão ligadas, por vias comerciais ou interpessoais, e passa a tornar-se não apenas uma escolha, mas uma necessidade para quem deseja ampliar os horizontes da ascensão profissional e social. Ao despertar do novo mundo, diante dos avanços e inovações nas relações humanas, a sociedade caminha buscando o seu espaço, sua aparição. Mas, o que muitos alunos desconhecem é que aprender uma segunda língua vai muito além do currículo básico que estamos acostumados; saber como alguém de outra nacionalidade falaria certos enunciados. Isso é bem comum. Por isso, a nossa preocupação em mostrar o contexto das situações apresentadas, sobretudo a dimensão e o limite que cada língua tem de trazer elementos comuns a um determinado país; expressões que, por sua vez, tem caráter idiomático próprio de uma dada região.

Hoje, é preferencial o uso das novas tecnologias de informação e comunicação, muito utilizadas para fins educacionais. Além de favorecer e potencializar o processo de ensino e aprendizagem, auxiliam na aproximação do aluno com o professor. É de grande importância o diálogo entre estas partes, pois gera confiança, colaboração, compartilhamento de experiências e de valores.

No nosso trabalho, procuramos destacar a parte visual. Utilizamos fotos, vídeos, ilustrações, para que o educando melhore a percepção e a compreensão entre o verbal e o reflexo enriquecedor das imagens. São materiais que auxiliam na interpretação e ligação entre o signo e o objeto.

REFLEXÕES E APRENDIZAGENS NA EXPERIÊNCIA DO PIBID

Por se tratar do processo de aquisição de LE, em que o aluno precisa utilizar a língua inglesa com mais aptidão, devemos ser cautelosos e buscar, em primeiro lugar, o esforço do aluno. Este precisa ter tempo para raciocinar e tentar associar o texto ao seu conhecimento. Só então, explicaremos e mostraremos um apanhado de cada exercício proposto. É, sem dúvidas, um processo lento, que exigirá do profissional um esforço enorme e uma seleção minuciosa daquilo que ele traz para ser trabalhado. De nada adiantará enfeitar a sala com recursos de alto nível se a capacidade de promover o enlace entre aprendizagem e aprendiz for limitada.

A avaliação dos resultados parte do princípio de que toda obra precisa ser interpretada de modo a alcançar culturas e povos diferentes. As experiências adquiridas durante o tempo de atuação dos professores de LI se assemelham em um ponto que é muito considerado

quando se avalia o nível de aprendizagem dos alunos. A necessidade de promover a motivação dos alunos, colocando-os no lugar de protagonistas da própria aprendizagem, sem comprometer os aspectos afetivos de cada um deles.

Algumas turmas apresentam alunos dedicados, atenciosos; mas tímidos quando são convidados a falar utilizando a língua inglesa durante as aulas. Desse modo, diante de uma sociedade marcada pelas inovações no mundo tecnológico e da comunicação, como é possível facilitar a aprendizagem da língua-alvo sem utilizar na aula, apenas as competências inerentes a esta língua? E os resultados conquistados a cada etapa de cada atividade em termos de eficiência da metodologia, participação e interesse da turma, gerenciamento do tempo de aula, são avaliadas e comparadas com as orientações ditas durante a pesquisa e o planejamento.

Esse é um dos pontos que nos transmite segurança e reforça a nossa vontade de desempenhar melhor o trabalho que nos é proposto, porque sabemos da responsabilidade que acompanha o professor desde o momento em que prepara a sua aula, na busca diária por inovações, na sua investigação de solucionar possíveis problemas e o seu olhar sempre à frente, mirando conquistas em seu trabalho e formação de seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reflexões como essas nos fazem perceber que precisamos tornar o ensino mais próximo do aluno, fazendo com que ele se identifique, se torne um participante ativo no processo de aprendizagem; entenda a função da aquisição de uma nova língua, conheça os princípios de cada objeto de estudo, mas que também seja representado nele ou veja representadas pessoas que ele conhece na sociedade em que vive, pois enquanto mantermos uma distância entre escola e sociedade, não conseguiremos, de fato, fazer com que o aluno se interesse pelas duas, e conseqüentemente alguma será esquecida.

Nossos alunos precisam receber subsídios que os façam sair do ponto em que estão, acomodados diante dos desafios, para buscar novos horizontes, desbravar outros mares. Pois se a mudança que esperamos não começar com a nossa intervenção não valerá muito gastar o tempo pesquisando novos métodos ou recursos modernos apenas.

Precisamos, mais do que nunca, correr para onde estão os olhos e os sonhos dos nossos aprendizes, sem desprezar aquilo que é base em toda história: o respeito e o reconhecimento da cultura e dos saberes de cada cidadão. Com esta pesquisa, esperamos

contribuir com o crescimento do trabalho dos professores da área de língua inglesa e o surgimento de novos estudos voltados para essa área de pesquisa.

REFERÊNCIAS

BRAGA, J. C.; (Coord.) **Integrando tecnologias no ensino de Inglês nos anos finais do ensino fundamental**. SM, 2012.

BROWN, D.H. **Principles of Language Learning and Teaching**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall Regent, 1987.

GUERREIRO, G. M.; **Cultura, linguagem e ensino de língua estrangeira: Um estudo acerca desta interrelação**, 2005.

LIMA, Diógenes C., **Ensino Aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SENEFONTE, F.; H.; **Gírias e aulas de Inglês: Um estudo interpretativista de suas possibilidades no Ensino Médio**. Disponível em <<http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/PDF/fabiohrseneffonte.pdf>> Acesso em 20 out. 2016.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Os gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

VARGAS, S. L. & MAGALHÃES L.M. **Gênero tirinha: uma proposta de sequência didática**. 2011.